

A Construção Binominal de Quantificação Indefinida: uma abordagem construcionista

Tatiane Silva Tavares (UFJF)* | Thais Fernandes Sampaio (UFJF)**

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar alguns resultados obtidos com a análise da Construção Binominal de Quantificação Indefinida (CBQI). Tendo como aporte teórico a Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987, 2005), a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006) e a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982; PETRUCK, 1996), e como pressupostos metodológicos a Linguística de Corpus (SARDINHA, 2004), constituiu-se um banco de dados formado por dados empíricos, a partir do qual buscou-se: a) apresentar uma descrição geral da CBQI; b) verificar sua motivação conceptual; e c) discutir o papel da analogia na geração de novas instâncias da construção.

1. Introdução

O fenômeno da Quantificação Nominal parece ser um tema bastante recorrente nas gramáticas do Português, embora comumente sejam atreladas a este fenômeno apenas aquelas expressões tidas como “regulares” na língua. Quando se trata de quantificação indefinida, por exemplo, muitas são as expressões de quantificação, tais como as que abordaremos neste estudo, que não recebem o devido reconhecimento de sua expressão na Língua Portuguesa.

Este não reconhecimento torna-se ainda mais questionável diante de uma constatação proveniente do uso linguístico: algumas construções, além de muito recorrentes, podem ser extremamente produtivas. Ocorre que, por uma espécie de necessidade comunicativa, o falante amplia o uso destas construções, criando novos instrumentos para a linguagem. Estes novos usos podem funcionar no sistema linguístico como as formas já estabelecidas funcionam ou, até mesmo, serem mais eficientes do que estas.

É nesse sentido que o presente trabalho tem por objetivo analisar e descrever a Construção Binominal de Quantificação Indefinida, a qual, segundo nossa hipótese inicial, configura uma construção muito frequente e produtiva do PB. Os exemplos abaixo ilustram nosso objeto:

- (1) Essa verdadeira *avalanche de capitais* em direção aos países em desenvolvimento tem sido explicada pelos seguintes fatores conjunturais.
- (2) Eu acho que a responsabilidade que os votos, esse *caminhão de votos* está dando ao senhor nesse sentido é muito grande.
- (3) É um mundo de mutantes superpoderosos, mas com uma *pitada de realismo*.
- (4) Só mesmo os mais surdamente saudosistas podem ter saído com uma *ponta de frustração*.

* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora.

** Orientadora de Mestrado. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Nossa hipótese inicial é a de que tais ocorrências da CBQI diferenciam-se significativamente de quantificadores monolexêmicos, como *muito, pouco, bastante*, etc., tanto em termos sintagmáticos quanto conceptuais. Isso porque, muitas vezes, eles adicionam à quantificação informações extras, provenientes do domínio-fonte envolvido na projeção metafórica subjacente à construção. A abordagem dos esquemas imagéticos, nesse sentido, será extremamente relevante, auxiliando-nos no desvelamento do processo cognitivo subjacente à CBQI.

A fim de apresentar tais discussões, este artigo organiza-se da seguinte maneira: primeiramente, apresentaremos os principais pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987, 2005; JOHNSON, 1987; GRADY, 2005; SALOMÃO, 2009a), a partir dos quais se discute a participação de instrumentos de organização, processamento e construção de sentido, provenientes de nossa experiência sensorial com mundo, e a motivação conceptual da CBQI. E, mais especificamente, a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006), juntamente com a Semântica de Frames (FILLMORE, 1982, 2008; PETRUCK, 1996), oferece-nos o instrumental teórico central para a análise e descrição de nosso objeto investigativo. Posteriormente, explicitaremos nossas escolhas metodológicas, que reafirmam o compromisso cognitivista com a empiria, através da adoção de alguns dos parâmetros da Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2004). Finalmente, apresentaremos a análise e descrição de nosso objeto de pesquisa, abordando questões como a motivação conceptual da construção – a partir do esquema imagético de MOVIMENTO – e o processo de analogia envolvido na geração de novas expressões de quantificação.

2. A Linguística Cognitiva e a abordagem construcionista da linguagem

A Linguística Cognitiva apresenta como princípios básicos: i) a negação da autonomia da linguagem; ii) a gramática como uma rede de construções calcada no uso linguístico e iii) a centralidade da experiência e da projeção entre domínios cognitivos na construção da significação. Tais princípios fundamentam e justificam constructos teóricos essenciais para a análise que desenvolvemos da CBQI, como o conceito de Esquemas Imagéticos (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987, 2005), a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2007) e a Semântica de Frames (FILLMORE, 1982; PETRUCK, 1996).

A teoria dos Esquemas Imagéticos emerge a partir de uma visão corporificada da mente, admitindo-se que todo nosso sistema conceptual, pensamento e expressões simbólicas são baseados em padrões de percepção e movimentos corporais (JOHNSON, 2005). Segundo Johnson, tais estruturas esquemáticas são fundamentais para a emergência do significado e para a realização de tarefas abstratas, como o pensamento, usando para isso padrões de nossa experiência corporal. Ainda por cima, em muitos dos casos, existe uma relação intrínseca entre as representações imagéticas e as

projeções metafóricas no nosso sistema conceptual. O conceito de Quantidade, por exemplo, pode ser estruturado pela metáfora MAIS É PRA CIMA, utilizando como domínio-fonte um padrão de experiência sensorial, ou seja, o esquema imagético de VERTICALIDADE. Diante destes níveis propostos, podemos observar que algumas das construções metafóricas investigadas neste estudo, tais como *montanha de N*, *pilha de N*, *montão de N*, também envolvem a projeção conceptual entre o esquema perceptual de VERTICALIDADE e o esquema abstrato – e não diretamente perceptual – de QUANTIDADE.

Com relação à Gramática das Construções e à Semântica de Frames, seus pressupostos oferecem-nos o instrumental teórico central para a análise e descrição de nosso objeto. A abordagem construcionista (GOLDBERG, 1995, 2006) surge com o compromisso de oferecer um tratamento coerente e integral de todas as construções de uma língua, garantindo aos fenômenos considerados periféricos um tratamento tão rigoroso quanto aquele reservado até então à chamada *core grammar*.

Por isso, entendemos que adotar uma perspectiva construcionista para o fenômeno que investigamos seja fundamental, pois, embora esta estrutura de quantificação esteja presente no nosso cotidiano, no modo como quantificamos as mais diversas entidades, elas não se enquadram no grupo das unidades linguísticas tidas como “regulares” ou centrais na língua.

Os princípios básicos da Gramática das Construções, nas suas diferentes versões, são: *i) Construções são pareamentos forma-sentido*, o qual remete à relação indissociável entre os polos formal e semântico-pragmático das expressões linguísticas (GOLDBERG, 1995, p. 4); *ii) As construções são as unidades básicas do conhecimento linguístico*, de modo que todas essas unidades, em quaisquer níveis, adquirem o status de construção, devendo receber o mesmo tratamento analítico. Além disso, a postulação de tal concepção de gramática nega a dicotomia clássica entre formantes lexicais (palavras/morfemas) e regras, assumindo um contínuo entre o Léxico e a Gramática de uma língua (SALOMÃO, 2009b, p. 38); *iii) A Gramática é uma rede de Construções, conceptualmente motivada*, ou seja, se o conhecimento do falante constitui a gramática de uma língua e se a construção é a unidade básica do conhecimento linguístico, a gramática nada mais é do que um conjunto de todas as construções de uma língua, desde as mais específicas até as mais genéricas.

Com relação à Semântica de Frames, sua premissa fundamental é a de que “os significados são relativizados à cena” (FILLMORE, 1982), assim, tal abordagem teórica oferece ao estudo da significação lexical uma nova perspectiva de análise, pois ela toma como ponto de partida a cena conceptual que uma expressão evoca, além de evidenciar os padrões sintáticos nos quais ocorrem. Nas abordagens construcionistas da linguagem, a estrutura semântica da construção é descrita em termos do *frame* que esta evoca, por isso, é preciso que haja a aproximação entre tais constructos

teóricos. Conforme destacou Sampaio (2010), tanto a Gramática das Construções quanto a Semântica de Frames buscam a integração de aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos do fenômeno linguístico, sendo, por isso, propostas compatíveis e, em muitos aspectos, complementares.

3. Procedimentos metodológicos

Este estudo, acompanhando uma tendência da Linguística Cognitiva contemporânea, confere ao USO papel fundamental para a análise do fenômeno linguístico investigado, pois entende que é no uso que emergem a Gramática e o Léxico de uma língua (MIRANDA, 2008, p. 4). Assim, assumindo uma abordagem construcionista (GOLDBERG, 1995, 2006), amparada pelos Modelos Baseados no Uso, torna-se fundamental a incorporação de instrumentos empíricos para a investigação linguística. Tais modelos operam com as propriedades de frequência de tipo e frequência de ocorrência e a análise de tais propriedades constitui um passo importante na descrição das construções de uma língua e um aspecto favorável para a aproximação entre Gramática das Construções e a Linguística de *Corpus*. Isso porque, para os estudos construcionistas, é o uso e a reiteração que constituem os padrões construcionais de uma língua, de modo que propriedades como a frequência de tipo e de ocorrência permitem a observação destes padrões vinculados a contextos de uso, excluindo assim a visão aleatória da variação (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2007).

A escolha metodológica recai, portanto, sobre a *Linguística de Corpus* (SARDINHA, 2004), reiterando o compromisso da Linguística Cognitiva com a empiria. Nesse sentido, a adoção de métodos de Linguística de *Corpus* oferece a vantagem da pesquisa em *corpora* eletrônicos, possibilitando a verificação do uso da língua em contextos reais. Realiza-se, portanto, uma abordagem mista, na qual se faz uso tanto de métodos quantitativos como qualitativos.

Tendo em vista tais pressupostos, buscou-se constituir um banco de dados específico da construção, com dados escritos provenientes do uso linguístico. Primeiramente, foi preciso fazer um levantamento intuitivo dos lexemas que poderiam preencher a posição de N1, no padrão N1 de N2. Dentre eles estavam: *montão, pilha, mar, montanha, enxurrada, porrada, avalanche, oceano, floresta, caminhão, galáxia, enchente, vendaval*. Observou-se, contudo, a profusão de types/tipos da CBQI em situações de fala espontânea na mídia, em redes sociais e em outros meios, sendo necessário expandir a lista de lexemas a serem buscados. A partir daí, realizou-se a busca pela estrutura *NI de*, ou seja, pela substituição sistemática de N1 por cada lexema elencado como possível quantificador na construção (*mar de, bando de, punhado de, avalanche de*, etc.). Como ferramenta de busca, utilizou-se o Sketch Engine e, como fonte de dados, o corpus Cetenfolha, que, por sua vez, utiliza textos do jornal *Folha de São Paulo*. A tabela a seguir apresenta a lista completa de lexemas analisados com seus respectivos exemplos:

	Types/Tipos	Exemplos
01	Montão	“Percebi que eu mesma teria que criar o som que eu queria. Acabei fazendo um <i>montão de músicas</i> ”, conta.
02	Pilha	É uma insensatez por uma <i>pilha de motivos</i> que não cabem, todos, neste espaço.
03	Mar	Tristar já está voando desengonçado sobre um <i>mar de nuvens</i> .
04	Montanha	É a mesma contusão que fez a alemã tomar uma <i>montanha de analgésicos</i> no ano passado.
05	Enxurrada	A metafísica francesa das Luzes não passa de uma <i>enxurrada de falatório tedioso</i> .
06	Porrada	A juventude é uma garantia para uma <i>porrada de coisas</i> .
07	Avalanche	Fernando Henrique recebe diariamente uma <i>avalanche de adesões</i> proporcional à sua posição nas pesquisas.
08	Oceano	No caso, Maradona ostentava um <i>oceano de razões</i> .
09	Floresta	Era aquele tipo de telejornal à base de «conteúdos», que ambicionava dimensionar a <i>floresta de notícias</i> .
10	Caminhão	É taxa suficiente para trazer um <i>caminhão de dólares</i> para o Brasil.
11	Galáxia	O cinema era uma <i>galáxia de gênios e heróis</i> e Veneza era um «luau» de lendas vivas.
12	Enchente	Um verdadeiro dilúvio, uma <i>enchente de cartas</i> inunda a redação.
13	Vendaval	Entre a morte da mendiga e a tão aguardada pororoca fraterna... um <i>vendaval de amofinações</i> varre a vida do gêmeo bonzinho.
14	Bando	O Sport merece destaque: tem um <i>bando de craques</i> .
15	Penca	Tem <i>penca de seguidores</i> no Rio de Janeiro, mas diz que o verdadeiro guru é o movimento.
16	Rio	O risco para os usuários é gastar <i>rios de dinheiro</i> na conta telefônica.
17	Enxame	No dia 12 de agosto um <i>enxame de OVNI</i> s invadiu uma cidade e aterrorizou seus 30 mil habitantes.
18	Inundação	O caso Simpson provocou uma verdadeira <i>inundação de debates</i> sobre a questão da violência doméstica nos EUA.
19	Bocado	Pegamo a CG, que era a única coisa que nós tinha, um <i>bocado de removedor</i> e caímos na estrada.
20	Multidão	Estranho, um presidente da República pedindo apoio a uma <i>multidão de miseráveis</i> para salvá-los.
21	Pá	Sem os bordéis Freud teria uma <i>pá de casos</i> a menos e talvez tivesse se tornado arqueólogo.
22	Batalhão	... Sem falar no <i>batalhão de fotógrafos e de cinegrafistas</i> que disputavam a imagem do dia.
23	Pelotão	... <i>pelotões de pesquisadores</i> pensavam que se aproximavam mais e mais do correto ao elaborarem montanhas de papéis.
24	Corja	E onde é que foi parar aquela <i>corja de cronistas e subcronistas de futebol</i> que só fazia espinafrar o homem?

25	Mundo	A Copa está chegando e... a seleção dos EUA é um <i>mundo de problemas</i> .
26	Tempestade	A esta altura, uma <i>tempestade de Pelés</i> pode ter desabado sobre a cabeça do candidato.
27	Onda	São Paulo assiste a uma <i>onda de estreias teatrais</i> nesta sexta.
28	Dilúvio	Virou mania nos EUA, com direito a gibi, duas capas da “Rolling Stone”, um <i>dilúvio de merchandising</i> .
29	Punhado	... é ilusório supor que se vai, de fato, pôr ordem na casa por meio de um <i>punhado de operações</i> nas favelas.
30	Poço	“Nossa ideia é selecionar esse material e criar um grande centro de documentação”, diz, um <i>poço de histórias</i> .
31	Pingo	“Somos a melhor marca, temos os melhores produtos...” diz, sem um <i>pingo de modéstia</i> .
32	Gota	Longe dos estúdios de TV, embolsa o dinheiro do contribuinte sem liberar uma <i>gota de suor</i> por ele.
33	Ponta	Apesar de se dizer satisfeito com o empate, o técnico da Suécia não escondeu uma <i>ponta de decepção</i> .
34	Pitada	O filme é uma espécie de documentário, só que com imagens lindas e uma <i>pitada de ficção</i> .
35	Dedo	O TSE adiou para depois do primeiro turno uma decisão a respeito, mas ninguém com um <i>dedo de juízo</i> acredita que qualquer um dos dois possa ser condenado.
36	Fiapo	Apesar da idade, não perdeu um <i>fiapo de sua voz aveludada</i> , talvez a mais aconchegante que o jazz já conheceu.

Tabela 1: Exemplos de instanciações da CBQI

Após a devida limpeza dos dados, obtivemos como resultado o total de 756 ocorrências, distribuídas entre os 36 tipos que instanciam a construção. Tendo definido nossos procedimentos metodológicos, passemos à análise da Construção Binominal de Quantificação Indefinida.

4. A Construção Binominal de Quantificação Indefinida

Este estudo recobre um grupo de 36 nomes comuns do PB que, ao preencherem a posição de N1 no padrão *N1 de N2* da CBQI, passam a funcionar como Nomes Quantificadores (NQs). Como evidencia a tabela a seguir, a lista inclui Nomes que se dividem, naturalmente, entre Quantificadores de grande quantidade, Quantificadores de pequena quantidade e, ainda, Quantificadores com um potencial ambíguo (*bocado* e *punhado*) que ora expressam grande quantidade, ora expressam pequena quantidade:

Grande quantidade

enxurrada, avalanche, enchente, tempestade,
 dilúvio, vendaval, montanha, oceano, rio, floresta,
 mundo, galáxia, caminhão, poço, pá, bando,
 batalhão, penca, multidão, pelotão, corja, enxame,
 montão, pilha, porrada, bocado e punhado.

Pequena quantidade

pingo, gota, ponta, dedo, fiapo,
 bocado e punhado.

Tabela 2: Listagem dos Nomes Quantificadores investigados

É preciso fazer a ressalva de que, embora estejamos trabalhando com uma lista fechada de NQs, reconhecemos que outros nomes possam figurar na CBQI de modo regular. Dentre estes nomes, alguns não retornaram resultados no *corpus* utilizado como busca, tais como: *cacetada*, *bordoada*, *pancada*, *temporal*, *dedinho*, *bocadinho*, *caco* e *cisco*; enquanto outros só foram reconhecidos, por parte do grupo de pesquisa, como possíveis NQs na CBQI depois de já finalizada a coleta de dados, como, por exemplo, os nomes: *fió*, *amontoado*, *tsunami* e *exército*. Além disso, a Construção Binominal de Quantificação Indefinida permite, no jogo interacional, a inclusão de novos subtipos que atendam à intenção comunicativa do falante em determinado contexto de uso. Por isso, reconhecemos o caráter parcial desta lista.

Partindo de uma caracterização geral da CBQI, entende-se que esta seja uma Construção que associa o padrão sintático *NI de N2* ao *frame* de *Quantificação Indefinida*. Considera-se ainda que a CBQI privilegie a quantificação excessiva ou mínima. Isso pode ser observado com a postulação de uma escala quantitativa na qual se distribuem os Nomes Quantificadores de grande quantidade e de pequena quantidade. Observe a escala a seguir:



Figura 1: Distribuição dos nomes quantificadores na escala quantitativa

A postulação de tal escala contribui, especialmente, para a compreensão de um aspecto pragmático da CBQI, qual seja, de que a construção funciona na língua como uma alternativa altamente expressiva de quantificação indefinida. Comparem-se os exemplos:

(5) Ela trouxe *muitos* livros para a escola.

(6) Ela trouxe uma *porrada/penca/pilha* de livros para a escola.

O uso dos quantificadores em (6) eleva significativamente a expressão da quantidade de *livros*, quando comparado ao uso de *muitos*. Nesta escala, embora *muito* já se posicione em direção ascendente, *porrada*, *penca* e *pilha* estariam numa posição superior. Por isso, pode-se admitir que além de quantificação, a CBQI também envolva o fenômeno da intensificação. A intensidade de *chuva*¹ na quantificação, por exemplo, é menor do que *tempestade* e maior do que *garoa* (outro possível NQ). Os nomes *tempestade*, *oceano*, *galáxia* e *montão* parecem ocupar o topo da escala, por causa da relação que estabelecem com seus pares correspondentes (*chuva*, *mar*, *mundo* e *monte*). Os demais NQs, entretanto, ocupariam uma posição intermediária entre quantificadores monolexêmicos (*muito*, *bastante*, etc.) e NQs que ocupam o extremo da escala (*galáxia*, *montão*, etc.).

Diante de tais discussões, abordaremos nas próximas subseções outras questões fundamentais, como a motivação conceptual da construção e o processo de analogia envolvido na geração de novas expressões de quantificação.

4.1 Os Esquemas Imagéticos e a CBQI

A abordagem dos esquemas imagéticos (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987, 2005) nesta investigação será extremamente relevante no desvelamento do processo cognitivo subjacente à CBQI. Isso pois as expressões de quantificação que estudamos parecem preservar o esquema de seu *frame* básico, o qual, via de regra, continua refletindo suas propriedades na construção e governando as restrições de combinação N1/N2. Portanto, foi pensando nos esquemas preservados pelos NQs que desenvolvemos nossa análise a partir dos seguintes grupos: VERTICALIDADE, MOVIMENTO, CONTÊINER, EXTENSÃO, IMPACTO, COLEÇÃO, PARTE-TODO.

Considerando, entretanto, o espaço deste artigo, apresentaremos os resultados obtidos com a análise de apenas um destes grupos, o de MOVIMENTO, que, além de reunir a maioria dos NQs estudados, é o grupo mais frequente (representa 40% de todos os dados analisados).

Os NQs investigados por este estudo, que recrutam o esquema de MOVIMENTO

¹ Este nome quantificador já foi devidamente tratado por Brodbeck (2010) em seu estudo sobre as expressões de quantificação Monte de e Chuva de.

para a expressão de Quantidade, são: *avalanche*, *enchente*, *onda*, *dilúvio*, *enxurrada*, *inundação*, *tempestade*, *vendaval* e *rio*. Todos estes elementos/fenômenos da natureza envolvem um MOVIMENTO MASSIVO DE FLUIDOS (BRODBECK, 2010, p. 112). Do mesmo modo que a altura de uma pilha de objetos nos remete à grande quantidade (Quantidade é Verticalidade), entende-se que uma avalanche corresponda a um grande volume de neve que se desloca; um dilúvio também constitui uma grande quantidade de água que cai; e assim por diante. Nesse sentido, reiteramos a esquematização da metáfora conceptual: Quantidade é Movimento Massivo de Fluidos. Daí que tais fenômenos, quando inseridos na CBQI, possam ser interpretados como quantificadores de grande quantidade. Considerem-se alguns exemplos:

- (7) Um verdadeiro dilúvio, uma enchente de cartas inunda a redação.
- (8) Houve uma *enxurrada de gols*: Hungria 8 x 3 Alemanha Ocidental, Inglaterra 4 x 4 Bélgica, Áustria 7 x 5 Suíça.
- (9) O risco para os usuários é gastar *rios de dinheiro* na conta telefônica.

O esquema de MOVIMENTO é o principal responsável pela estruturação da Quantidade nestes exemplos, porém outras características mais específicas dos elementos/fenômenos da natureza podem ser perfiladas para a expressão de quantificação, como ilustram as ocorrências:

- (10) A esta altura, uma *tempestade de Pelés* pode ter desabado sobre a cabeça do candidato.
- (11) Um verdadeiro dilúvio, uma *enchente de cartas* inunda a redação.
- (12) Entre a morte da mendiga e a tão aguardada pororoca fraterna, um *vendaval de amofinações* varre a vida do gêmeo bonzinho (...).

As expressões sublinhadas nos exemplos acima indicam que o perfil sensorio-motor de cada NQ – a direção do movimento: vertical/horizontal e o sentido do movimento: para frente/para trás/de cima para baixo/etc. –, muitas vezes, se torna relevante para a conceptualização da entidade a ser quantificada. No entanto, não é apenas o perfil sensorio-motor que pode ser acionado pela construção. Outras propriedades provenientes do *frame* básico dos NQs são preservadas e contribuem consideravelmente para a conceptualização da entidade quantificada. Segundo Verveckken (2012), trata-se do fenômeno da Persistência da Imagem Conceptual, ou seja, da permanência de propriedades conceptuais do item lexical (mar, enxurrada, montão) na construção (mar de gente, enxurrada de protestos, montão de livros), de modo que além da quantificação, haja algum tipo de conceptualização da entidade.

Consideremos o NQ *avalanche*, cujo uso revela, de modo bastante consistente, algumas marcas de persistência conceptual:

- (13) Nada disso, porém, deve a *avalanche de votos* alimentada pelo sucesso do plano Real junto à população e pela rejeição à candidatura Lula, o líder absoluto do segundo lugar.
- (14) Eles temem que uma *avalanche de ações* derrube o mercado.

- (15) A ameaça desta *avalanche de abstenções, votos em branco e nulos* impede uma avaliação na antecipada do quadro partidário.

Nestes exemplos, *os votos, as ações, as abstenções, etc.*, são conceptualizadas em termos de uma avalanche, pois a persistência do domínio semântico original do NQ faz com que a imagem da avalanche continue a ser destacada. Em (13), é recrutado o aspecto incontrollável de um fenômeno natural como uma avalanche; em (14), a propriedade destacada é a força destrutiva do fenômeno; e em (15), o caráter repentino e ameaçador de uma avalanche.

A manutenção do esquema de MOVIMENTO, bem como de outras propriedades dos Nomes Quantificadores, fará com que estes imponham algumas restrições em sua combinação com N2, que, por sua vez, precisará se ajustar à imagem conceptual de N1. Observem-se as sentenças:

- (16) Empresas que não dão conta da *enxurrada de currículos* que recebem estão preferindo examiná-los por computador.
 (17) Ele imaginava que um *dilúvio de bombas V-1* sobre Londres levaria os aliados a pedirem a paz.
 (18) Um verdadeiro dilúvio, uma *enchente de cartas* inunda a redação...

Percebe-se pelas sentenças a combinação harmônica entre as entidades *currículos, bombas e cartas*, as quais podem ser deslocadas, e o esquema de MOVIMENTO de *enxurrada, dilúvio e enchente*. Além destas entidades projéteis², outras que são frequentemente combinadas a estes N1s são as entidades abstratas ligadas à informação, entidades jurídicas, econômicas e, sobretudo, os eventos. Consideremos, agora, uma discussão referente ao papel da analogia na criação de novos subtipos da CBQI.

4.2 O papel da analogia na expansão da CBQI

Outro ponto bastante relevante para este trabalho se refere à expansão da CBQI a partir do preenchimento do *slot* N1 com novos itens lexicais. Isso pois, como indicamos no início desta seção, este estudo recobriu um grande número de NQs, porém sem esgotar todos os subtipos existentes na língua. Tendo isso em vista, cabe-nos discutir o processo que está por trás da expansão da construção, o mecanismo geral de analogia.

Verveckken (2012, p. 438), investigando a construção binominal de quantificação indefinida no espanhol, verificou que as novas instâncias desta construção são geradas, por analogia, a partir de Nomes Quantificadores semanticamente similares. Tomemos, novamente, os NQs que preservam o esquema de MOVIMENTO para ilustrar este processo na construção do PB. Segundo Brodbeck (2010, p. 109), o NQ chuva, que

² Tal classificação foi proposta por Brodbeck (2010) para designar entidades como bombas, meteoros, bengaladas, etc, quantificadas pelo NQ chuva, em oposição a objetos imóveis.

também envolve o esquema de MOVIMENTO, parece ter sido um dos primeiros nomes que denotam fenômeno da natureza a ocorrer como quantificador na língua e seu uso recorrente autorizou, por analogia, a ocorrência de novos NQs na construção (tempestade, enchente, vendaval, etc.).

Neste processo, além do esquema de MOVIMENTO, a dimensão escalar da construção também é fundamental. Ou seja, se a quantificação é iniciada com chuva, parece que a tendência é optar por outros NQs com proporções semelhantes ou ainda maiores, como enxurrada, dilúvio, etc. Seria possível, entretanto, o uso de garoa como quantificador, por exemplo, em um contexto específico de uso, no qual o falante, por uma necessidade comunicativa, quisesse um quantificador com intensidade menor do que chuva. Tal escolha geraria, contudo, um uso mais marcado da construção. O texto que se segue ilustra a relação escalar que existe entre alguns NQs desse grupo (garoa/chuva/temporal), bem como a ocorrência de garoa como N1 da CBQI:

- (19)Então, *choveu* imposto! Nunca se viu, na face da terra, em tempo algum, *temporal* mais violento. Os expoentes da inteligência brasileira foram convocados, de norte a sul, para se reunirem no Rio. Reunidos, cada qual escabichou a preclara mioleira, na ansia de se descobrirem todos os meios possíveis e impossíveis para que os últimos tostões do povo espirassem dentro das goéllas insaciáveis do Moloch-Fisco. A principio, foi uma *garôa de taxazinhas camaradas*. Depois, *choviscou*: vieram timidamente, os primeiros impostos novos, fininhos, friozinhos, já se nos insinuando pela pele a dentro. A seguir, *choveu*. E, depois, com a entrada do ano novo, desabou o *temporal de impostos* que ai está, ensopando-nos a carne, os ossos e a alma, endefluxando-nos, e fazendo-nos espirrar níqueis, os últimos e sempre chorados níqueis das nossas mais shylockeanas economias.

Fonte: <http://almanaque.folha.uol.com.br/belmonte9.htm>

Seguindo esta hipótese, caso o falante deseje expressar uma quantidade ainda maior do que aquela representada por onda, ele pode optar pela utilização de tsunami como uma alternativa para a quantificação, como observamos pelo trecho da música:

- (20)Olha / Pensa em mim / Direciona seu Amor Como uma Onda / Eu vou desafiar... / Nem a natureza vai poder nos separar / (...) É uma *Tsunami de Amor* / Com Espuma de emoção / (...) Vem me Amar / Joga um *Tsunami de amor* em mim / Me Afoga de Paixão com esse olhar azul / (...) Vou morrer / Mas vai ser de paixão/ Afogado nesse Tsunami de Alegria...

Fonte: <http://www.vagalume.com.br/valdo-e-olavo/tsunamideamor.html>

Assim, o processo analógico que atua na expansão da CBQI parece depender também de uma espécie de demanda comunicativa. Como a CBQI é utilizada para expressar um julgamento do falante acerca da quantidade indicada, este pode optar por quantificadores mais ou menos expressivos. Por isso, não se exclui a possibilidade de instanciação de nomes que ocupem uma posição intermediária na escala. De todo modo, a CBQI privilegia a expressão de quantificação máxima ou mínima e, com isso, a utilização de quantificadores intermediários parece ser, muitas vezes, limitada a certos contextos, como os apresentados acima.

5. Considerações Finais

Fundamentados nos pressupostos da Linguística Cognitiva e adotando uma abordagem construcionista da linguagem, apresentamos neste artigo algumas discussões referentes à análise da Construção Binominal de Quantificação Indefinida e, mais especificamente, de expressões de quantificação indefinida que envolvem o esquema de MOVIMENTO para a conceptualização de Quantidade.

A partir de métodos empíricos de análise, foi possível lançar nosso olhar para o uso linguístico, uma vez que é nele que o fenômeno aqui estudado emerge. Nesse sentido, este estudo buscou oferecer uma importante contribuição para a descrição do sistema de quantificação do PB, pois ao atestar, em dados reais de uso, a ocorrência de tais Nomes Quantificadores, começa a preencher uma lacuna no que diz respeito aos quantificadores polilexêmicos da língua.

Constatou-se, também, que os Nomes Quantificadores (N1) preservam seus esquemas imagéticos quando inseridos na construção e que tal preservação pode influenciar diretamente no tipo de entidade com a qual serão combinados. Alguns NQs preservam não só o esquema, como também outras propriedades de seu *frame* básico, as quais são, eventualmente, refletidas na CBQI, de modo a imprimir alguma conceptualização específica sobre N2. A proposta de análise desses NQs a partir dos esquemas imagéticos acionados e dos campos semânticos a que pertencem é um avanço no sentido de reconhecer um sistema coerente, fortemente motivado, que nos permite, inclusive, prever o recrutamento de novos Nomes. Aliás, a escolha do objeto levou em conta, justamente, a profusão de formas que instanciam a construção e sua constante expansão, movida por um processo analógico e fortemente influenciada pelas demandas comunicativas e pela experiência de mundo dos falantes.

Este trabalho também se faz relevante no sentido de que situa a CBQI como uma dentre outras construções binominais existentes no Português, abrindo caminho para o estudo de outras construções da língua.

Referências

BRODBECK, R. C. M. S. *Um monte de problemas gera uma chuva de respostas: um estudo de caso de desencontro na quantificação nominal em português*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CROFT, W. Construction Grammar. In: GEERAERTS, D.; CUYEKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2007. p. 463-508.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the Morning Call*. Seoul: Hánshin, 1982.

- GOLDBERG, A. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- _____. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- JOHNSON, M. *The body in the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- _____. The philosophical significance of image schemas. In: HAMPE, Beate; GRADY, Joseph E. *From Perception to Meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 15-33.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University Chicago Press, 1987.
- MIRANDA, N. S. *Construções Superlativas do Português do Brasil: um estudo sobre a semântica de escala*. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado em Linguística); GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008a.
- PETRUCK M. R. L. Frame Semantics. In: VERSCHUEREM, Jef et. al (Eds.). *Handbook of Pragmatics*. Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. *Construções do Português do Brasil: da Gramática ao Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b. p. 33-74.
- SAMPAIO, T. F. *A família de Construções de Argumento Cindido no Português do Brasil*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística)–Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- SARDINHA T., Berber. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- SKETCH ENGINE. Disponível em: <<https://www.sketchengine.co.uk>> Acesso em: jan./mar. 2013.
- VERVECKKEN, K. *Towards a constructional account of high and low frequency binominal quantifiers in Spanish*. Cognitive Linguistics, Lovaina, v. 23, n. 2, 2012. p. 421-478.